

# **A SOLIDÃO FEMININA NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS OBRAS DE DJAIMILIA PEREIRA E ALINE BEI**

**Antônia Kácia Sousa Bezerra<sup>1</sup>**

**Monalisa Valente Ferreira<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Este estudo visa analisar a presença da solidão feminina em dois romances contemporâneos escritos por mulheres em Língua Portuguesa: *O peso do pássaro morto* (2017), da autora brasileira Aline Bei, e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), da autora portuguesa Djaimilia Pereira. A pesquisa foca em duas personagens: Glória, na obra de Pereira, e a protagonista não nomeada na obra de Bei. O objetivo é entender como as autoras constroem a solidão das referidas personagens, explorando suas vivências pessoais e traumas ao longo da narrativa, e considerar as experiências de cada autora e suas particularidades como escritoras contemporâneas advindas de espaços distintos. Posteriormente, a partir de uma abordagem qualitativa, com base na investigação comparatista, as duas obras serão analisadas com observância de relações de presença da solidão e o modo de tratamento dado em cada narrativa para identificar diferenças e semelhanças no processo representativo da solidão feminina. Como suporte teórico, privilegiamos autoras e autores que, diretamente ou indiretamente, versam sobre o aporte temático escolhido, tais como Xavier (2019), Esteves (2009), Andrade (2006), Nambua (2023), Candido (2006), entre outras referências que permeiam estudos sobre escrita de autoria feminina, eventos traumáticos, solidão e direito à literatura.

Palavras-chaves: literatura contemporânea; autoria feminina; estudos comparados.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the presence of female loneliness in two contemporary novels written by women in Portuguese: *O peso do Pássaro morto* (2017), by Brazilian author Aline Bei, and *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), by Portuguese author Djaimilia Pereira. The research focuses on two characters: Glória, in Pereira's work, and the unnamed protagonist in Bei's work. The objective is to understand how the authors construct the loneliness of these characters, exploring their personal experiences and traumas throughout the narrative, and to consider the experiences of each author and their particularities as contemporary writers coming from different spaces. Subsequently, from a qualitative approach, based on comparative research, the two works will be analyzed observing the relationships of presence of loneliness and the way in which it is treated in each narrative to identify differences and similarities in the representative process of female loneliness. As theoretical support, we prioritize authors who, directly or indirectly, address the chosen thematic contribution, such as Xavier (2019), Esteves (2009), Andrade (2006), Nambua (2023), Candido (2006), among other references that permeate studies on female-authored writing, traumatic events, loneliness and the right to literature.

Keywords: contemporary literary; female author; comparative studies.

## INTRODUÇÃO

Existem debates nos espaços da crítica literária brasileira, para não dizer mundial, no que concerne a uma escrita de autoria feminina e a presença ou não de uma estética e temáticas que indicariam especificidades possibilitadoras de análise de marcas distintivas quanto a elaborações no âmbito de relações de gênero. Junto a isso também aparecem questionamentos vários, tais como se há de fato uma literatura com escrita diferencial de mulher ou nuances de elementos possivelmente identificadores de que tal obra possui olhar introjetivo, sensível sobre temas e cotidianos considerados margeadores de personalidade feminina.<sup>1</sup>

Além dos referidos debates, por vezes polêmicos e até não consensuais entre as próprias mulheres que escrevem, discutem-se a linhagem literária de suas produções e as permanências ou rupturas estéticas. No que diz respeito ao tema central deste trabalho, podemos ainda afirmar, no que concerne a certa filiação dos estudos contemporâneos, uma gama de escritoras que já elaboraram personagens que se encontravam em estado de solidão, como Clarice Lispector, em obras como *A hora da estrela* (1977), *Perto do coração selvagem* (1943) e *A paixão segundo G.H* (1964), e Hilda Hilst em *A Obscena Senhora D* (1982). Dessa forma, a literatura contemporânea também apresenta as suas crises, transitórias ou prolongadas e o terreno da própria crítica pode se perder na proliferação de obras às vezes sem possibilidades de até detectar de maneira evidente e dentro do escopo de uma tradição pautada no território eurocêntrico ocidental sobre linhagem literária. Como cita Ítalo Moriconi (2006), no caos moderno não há mais espaço para monumentalizações, e os traços identificadores são observados no mergulho nas falas dos próprios escritores ou nas observações de suas obras.

Entretanto, no que tange à produção de literaturas escritas por mulheres, percebe-se um *continuum*, uma linhagem diretiva de elementos temáticos e sentimentos próprios, íntimos, até confessionais muito próprios de nuances especificadoras de uma linguagem própria, diferenciadora do estatuto do tal universal defendido por uma crítica tradicional: “Ao assumir um caráter universalizante, a literatura neutraliza a representação da experiência feminina e subtrai sua importância, por esta não privilegiar as chamadas verdades universais

---

<sup>1</sup> “Quando alguém me pergunta se existe uma literatura feminina, eu sei hoje que quem está fazendo a pergunta não é esse alguém - indivíduos não fazem perguntas dessa forma tão simétrica e uníssona -, quem está perguntando é a sociedade. E a essa altura já tenho elementos para crer que a sociedade não quer de fato saber se existe uma literatura feminina. O que ela quer é colocar em dúvida sua existência. Ao me perguntar, sobretudo a mim, escritora, se o que eu faço existe realmente, está afirmando que, embora possa existir, sua existência é tão fraca, tão imperceptível, que é bem provável que não exista” (Colasanti, 2004, p. 69-70).

humanas, ou seja, o ponto de vista masculino” (Teixeira, 2009, p. 91-92). Como resultado daquelas atitudes dificultadoras da circulação de obras de autoria feminina, muitas escritoras optaram por usar pseudônimos, a fim de aumentar suas chances de serem lidas e publicadas.

Além de uma sociedade com tons cerceador, a historiografia literária, por sua vez, teve um contributo também na manutenção de muitas mulheres numa espécie de limbo literário, com muitas de suas obras e trajetórias biográficas recuperadas muito tempo depois pelo trabalho de levantamento de fontes de pesquisadoras e pesquisadores em arquivos públicos e privados, bem como da adoção de uma crítica literária feminista como aparato de recuperação e de visibilidade dos textos produzidos por mulheres. Exemplos, no que se refere à História Literária Brasileira, como Maria Firmina dos Reis, uma autora do século XIX, que publicou a obra *Úrsula* sob o pseudônimo "Uma maranhense", Júlia Lopes de Almeida, com os romances *A falência* (1901), *Família Medeiros* (1892) e o livro de contos *Ânsia Eterna* (1903:1934) e Narcisa Amália, jornalista, ativista da causa dos direitos da mulher e poeta que escreveu o livro *Nebulosas* (1872). Todas com um protagonismo e, inclusive reconhecimento em sua época, mas deixadas à margem em boa parte da crítica literária da primeira metade do século XX. Essas autoras geralmente eram ignoradas pela crítica literária e, por vezes, não lidas ou mal lidas, por causa de uma visão equivocada que permeia preconceitos de gênero, o que prejudicava a visibilidade e o reconhecimento de seus trabalhos. Quando conseguiam ser publicadas, muitas vezes precisavam do aval de um marido ou irmão. Ou seja, ser chancelada por um vínculo social de paternalismo, ou melhor, patriarcalismo.

Levando em consideração que representatividade feminina na literatura é crucial para quebrar paradigmas e promover a igualdade de gênero, a persistência dessas mulheres serve como exemplo e incentivo para que outras também busquem expressar suas ideias através da literatura. Por isso, apesar dos muitos desafios, o movimento feminista e as lutas por igualdade de gênero abriram caminho para uma maior valorização e reconhecimento das autoras que hoje possuem um maior espaço dentro do ramo literário.<sup>2</sup>

Para amparar o estudo e a temática apresentada, procuramos dar ênfase a pesquisadoras que já trataram sobre a temática, e que buscaram entender como escritoras constroem personagens femininas em suas obras, com objetivo de privilegiar uma crítica literária feminista, e pôr em cena uma modalidade que lê as singularidades de obras

---

<sup>2</sup> “A busca por narrativas diferentes da masculina hegemônica não se descola, é claro, da ascensão das pautas identitárias nos anos 2010. Depois de uma espécie de apagão entre as décadas de 1990 e 2000, a luta pelos direitos das mulheres ressurgiu com velhas e novas demandas em protestos nas ruas, campanhas nas redes sociais e formação de coletivos na chamada quarta onda do movimento feminista” (Payno, 2021).

realizadas por mulheres dentro de um repertório que não receba uma validação de secundário ou algo considerado menor.

O presente estudo nasce, assim, dessa inquietação pessoal ao me aprofundar na história das mulheres dentro do percurso literário e observando que escritoras enfrentam desafios significativos para obter legitimidade. Há muito elas foram desencorajadas de se envolver em atividades intelectuais e frequentemente consideradas incapazes por uma visão pejorativa, patriarcal e machista.<sup>3</sup>

Além disso, existe, no caso do Brasil e em outros espaços, uma linhagem de escritoras que se debruçam sobre elementos estéticos e temáticos atrelados, sim, as suas experiências íntimas e as realidades externas de um cotidiano frequentemente restritivo, marcado por tentativas de controle de seus corpos e mentes, ocasionando uma representação direta na criação de seus personagens, especificamente as representações do gênero feminino. Nessa perspectiva, pensando nessa senda de rupturas e brechas observadas em mulheres que ousam o enfrentamento e a assunção do ato da escrita, pautamos este trabalho na análise de duas obras literárias de escritoras de nacionalidades diferentes: Aline Bei<sup>4</sup>, brasileira, e Djaimilia Pereira<sup>5</sup> nascida em Angola, atualmente residindo em Portugal.

A investigação atém-se ao modo como as autoras trabalham a solidão feminina nas seguintes obras: *O peso do pássaro morto* (2017), de Aline Bei e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019) de Djaimilia Pereira. Buscamos, num primeiro momento, mapear as estratégias narrativas utilizadas, com o intuito de se estabelecer cotejo quanto à representação de solidão feminina nas duas obras e, com isso, verificar os motivos de determinados temas serem recorrentes em escritura de autoria feminina. Deste modo, podemos também examinar quais as contribuições das autoras para a literatura contemporânea dos dias atuais e a visibilidade dessas mulheres nos espaços literários.

A solidão que se busca exemplificar através das vidas das personagens femininas dessas obras pode advir de eventos traumáticos, resultando conseqüentemente em um isolamento natural. O cenário presente em ambos os trabalhos das escritoras em questão

---

<sup>3</sup> “O preconceito tem conseguido manter a maior parte desse contingente feminino no segundo escalão. Não é difícil perceber que, uma vez removido o preconceito, haveria um considerável avanço feminino no universo literário, com decorrente ocupação de parte daquele espaço mais conceituado que os homens, consciente ou inconscientemente, consideram sua propriedade” (Colasanti, 2004, p. 73-74).

<sup>4</sup> Aline Bei é uma escritora brasileira contemporânea, nascida em São Paulo. Começou publicando seus textos em versos nas redes sociais e ganhou destaque principalmente com seu romance de estreia, *O Peso do Pássaro Morto*, publicado em 2017, e também é autora de *A pequena coreografia do adeus* (2019).

<sup>5</sup> Djaimilia Pereira de Almeida mudou-se de Angola para Portugal ainda criança, lugar onde vive até os dias atuais. É doutora em Teoria da Literatura e professora universitária. Em 2015, fez sua estreia literária com o livro *Esse cabelo*.

retrata mulheres que podem deixar entrever tais eventos ao longo de suas vidas, possibilitadores de atos das personagens em um mergulho na solidão ao longo das narrativas. Isto posto, pretendemos apresentar na análise das protagonistas a maneira como cada uma lida com esse processo de isolamento de forma pessoal, ocasionada pelas adversidades vivenciadas ao decorrer dos anos. Andrade (2006) corrobora com essa linha quando afirma sobre esse tema na contemporaneidade: “Trata-se de uma solidão não-escolhida, pouco produtiva, difícil de conviver, muitas vezes transformada em desespero, sofrimento, falta de sentido, ou simplesmente, vazio – uma solidão decorrente do vazio do outro.” (Andrade, 2006, p.86).

Com base em uma pesquisa qualitativa, na qual aspectos relacionais e subjetivos com análises detalhadas de modo exploratório são primordiais para o cotejo dos elementos particulares das obras das escritoras contempladas, privilegiamos a escolha pelo campo da Literatura Comparada justificada pela oportunidade de analisar duas obras de diferentes culturas e países, mas com um passado em comum no processo colonizador de Portugal. Essa abordagem comparativa permite, portanto, uma compreensão mais ampla, destacando conexões transculturais, transcendentais e suas influências mútuas, bem como para entendimento do universo literário de autoria feminina de mulheres que escrevem em Língua Portuguesa.

Dessa forma, após um longo processo de busca de obras contemporâneas escritas por mulheres, foi verificada, mediante leitura ativa e investigação sobre a produção literária e sobre dados biográficos de Bei e Pereira, um quadro possível de análise, a saber, temáticas intimistas que se entrecruzam, tais como a solidão das personagens femininas criadas pelas autoras em ambas as obras, podendo ratificar o que foi delineado anteriormente sobre elementos aproximativos de possível linhagem de temas recorrentes em alguns escritos de autoria feminina.

Ademais, a graduação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) possibilitou estudos e vivências que somaram à vida desta pesquisadora, tanto como leitora e estudante, principalmente no contato com autoras e autores de diversos países que escreviam e escrevem em Língua Portuguesa. Meu interesse foi direcionado para a literatura contemporânea e escrita por mulheres ao perceber determinados liames estéticos e temáticos que permitem, historicamente e paulatinamente, preencher as brechas e ocupar espaços na historiografia literária brasileira. Logo, a pesquisa busca não apenas examinar as obras e as autoras selecionadas, mas também enriquecer o campo dos estudos comparados entre autoras de países diferentes, proporcionando quadros de

referências sobre a produção literária atual de mulheres que deixam sua marca na literatura em língua portuguesa na contemporaneidade.

Para melhor discorrer sobre a temática, propomos a divisão do estudo em três seções que buscam examinar a representação da solidão feminina. Na primeira, intitulada "A solidão (pouco gloriosa) de Glória", é analisado o estado de solidão da personagem Glória, e os motivos que a conduzem a esse estado, destacando a descrição feita pela autora Djaimilia Pereira ao longo da obra na caracterização íntima e de cotidiano da referida personagem. Na segunda seção, denominada "A solidão da protagonista", investigo a construção da personagem principal da obra aqui também contemplada de Aline Bei. Personagem que permanece anônima ao longo da narrativa, e como ela está imersa em um profundo estado de solidão. Na última parte, intitulada "Da solidão à partilha", realizei uma análise comparativa entre as duas obras, examinando como as autoras e suas abordagens literárias se relacionam.

## **1. A SOLIDÃO (POUCO GLORIOSA) DE GLÓRIA**

A obra contemporânea *Luanda, Lisboa, Paraíso* da autora portuguesa Djaimilia Pereira adentra espaços particulares e sensíveis durante a construção de seus personagens. Devidamente todos passaram por um processo de separação que os colocaram em um estado de solidão. A história tem início com Aquiles, filho do casal Glória e Cartola, que nasce com uma deficiência no calcanhar, ocasionando um desconforto para a família que não possuía muito poder aquisitivo. Assim, ainda no início da narrativa, pai e filho - quando este atinge uma determinada idade - mudam-se de Luanda, Angola, para Lisboa em Portugal, objetivando um tratamento eficaz para a deficiência de Aquiles e deixam Glória e a outra filha do casal sozinhas em Luanda. Em entrevista, a autora é indagada sobre se era possível a história do livro existir sem a separação de Cartola e Glória, e a resposta da autora fala muito sobre sua intenção com a proposta dessa obra: "Julgo que não. A distância é aqui uma bolsa de ar entre as personagens, que leva a que as suas ações e desejos sofram um efeito de paralaxe que é fundamental para a história" (Almeida, 2018).

Segundo Sara Boni, "Percebemos que a contemporaneidade está marcada por um excesso de individualidade, que emerge das consequências do desamparo social, ou seja, por termos que arcar com a subjetividade sem o amparo social existente na era feudal" (Santos, 2006, p. 54). Ao observar a obra, entende-se que o rompimento familiar causa uma série de momentos complicados, motivados talvez pela tal paralaxe indicada pela autora na entrevista, para aqueles que vão embora e para os que ficaram em Angola, como podemos perceber no

trecho que narra a partida: “O marido despediu-se da mulher com um beijo sentido e da filha e da neta com um grande abraço. Foi como se partisse para a guerra” (Almeida, 2019, p. 25). A personagem estabelece uma relação entre a despedida do marido e os sentimentos vivenciados por aqueles que se despedem de entes queridos partindo para a guerra. Ao explorar essa comparação, percebe-se que Glória experimenta temores semelhantes aos de quem se despede de alguém envolvido em um conflito bélico. A associação tem raízes na ideia de que a guerra frequentemente resulta em traumas e na apreensão de que o ente querido possa não retornar.

Essa analogia evidencia a profundidade da dor experimentada pela protagonista diante da separação do marido e a preocupação com o destino incerto que ele enfrentaria no novo país, além do receio pela possibilidade de não retornar. Ao comparar esses sentimentos com a ideia de um coração dilacerado e exposto, a autora transmite a intensidade emocional da situação, destacando a vulnerabilidade e o desamparo da protagonista diante da partida de seu ente querido e a vivência a partir da memória - ou esquecimento - dos dois.

Ao longo da narrativa, percebemos a dificuldade que a família encontra em se manter unida, seja Aquiles e o pai, ou Glória, com o marido e os filhos, como no trecho a seguir, todos trabalhados em suas vastas solidões ligadas pelo tênue fio de um telefone: “Dava conta de se ir esquecendo a pouco e pouco a cara dela. Só restava a sua voz do outro lado da linha como lembrança, a cada mês mais estrangeira e recomposta, à medida que a saúde ia melhorando. Falava-lhe como se Glória o conseguisse ver através do telefone” (Almeida, 2019, p. 51).

Tendo em vista a análise proposta nesta pesquisa, apesar de todos os envolvidos na narrativa em questão estarem passando por momentos introspectivos e solitários, foi escolhido como enfoque um destes personagens que consideramos mais afetado nesse processo de rompimento e com questões pessoais que advêm de antes mesmo da partida dos dois familiares para Lisboa: Glória.

Nesse momento, é importante esclarecer de onde essa obra está vindo, tendo em vista, que a autora Djaimilia Pereira é uma mulher negra que nasceu em Angola, mas cresceu em Portugal, logo, a narrativa espelha um processo semelhante, que representa o trânsito, o deslocamento, a diáspora de um povo, a vivência de muitas pessoas que passam pelo processo de imigração. Segundo Ana Rita Santiago (2010), a estética da escrita afro-feminina se coloca em um lugar de resistência e insurgências, com o objetivo de dar voz a si próprias ou ao coletivo. Assim, a literatura como uma forte ferramenta de crítica social no mundo faz com que as autoras possam usar para refletir sobre temas sociais e cotidianos que envolvem a

sociedade e suas próprias imersões nela em processo de autorreferenciação perpassadas nas escritas.

O sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2006) observa que a expressão literária emerge como resposta a específicas demandas de retratar o mundo. Aqui, destaca-se o contexto histórico, sociológico-político em que se encontram os dois países, tendo em vista que Portugal foi o responsável pela colonização de Angola e de diversos países do continente africano, assim como foi responsável por tal violência no Brasil. “Portanto, a invasão portuguesa em Angola destruiu a cultura dos povos encontrados, pois lhe foi imposto um novo modo de vida, nova língua, nova religião e forçaram-lhes a crer que tudo que era deles nada servia e era ruim” (Nambua, 2023, p. 2570)

Hoje em dia, o país europeu ainda é o causador de muitas situações opressoras, como, por exemplo, o racismo e a xenofobia praticados, além de questões econômicas e políticas que influenciam ao desentendimento entre os países.

É comum pensar que a especificidade da nossa cultura e da nossa história colonial, a fácil miscigenação de portugueses com outros povos, o facto de muitos africanos residentes no país serem cidadãos nacionais, ou que o facto da maioria dos imigrantes africanos ser proveniente das antigas colónias, contribuiria para a especificidade de um eventual racismo em Portugal. No fundo, esta ideia é ainda uma consequência da ideologia «luso-tropicalista» e é alimentada por actores políticos de diferentes quadrantes. (Brito; Lopes; Vala, 2015, p. 170)

A questão central é que a presença africana nesses espaços causa uma série de preconceitos, como o racismo e a xenofobia, que podem ter como consequência a solidão, pois o preconceito isola as pessoas que o sofrem. Seguindo esse pressuposto, podemos fazer uma associação com a vida de Aquiles e Cartola: ao adentrarem outro país, passaram a sofrer diversos tipos de violências raciais e xenófobas, por serem pessoas negras advindas de Angola. Pode-se identificar nesse processo, a construção de personagens a partir de uma realidade pessoal da autora. Como colocado por Ana Rita Santiago (2010), dentro da literatura negra existe uma expressão por meio de significações de cunho sociopolítico a partir de vivências pessoais. “Por conta disso, escritores/as negros/as agenciam na escrita significações sociopolíticas e literárias que propõem outros paradigmas e interesses culturais e intelectuais” (p. 95).

Com o foco em investigar como as mulheres autoras constroem personagens mulheres a partir de suas perspectivas individuais sobre solidão, maternidade, família, amor, traumas,

entre outros, a partir desse momento debruçaremos sobre a personagem Glória e suas nuances ao longo da narrativa.

Desde o início da leitura, é perceptível que a personagem Glória passa por questões de saúde, sofrendo com uma paralisia que não é muito detalhada, ou melhor, especificada, na obra, mas se pode pensar em algumas significações sobre: “Os primeiros cinco anos de vida da criança apanharam a família entre a crescente paralisia da mãe Glória e iminência da Independência. Cartola passou essa meia década à cabeceira da mulher, que piorava” (Almeida, p. 12). É possível compreender que a paralisia mencionada não se restringe apenas ao aspecto físico, mas também possui uma dimensão emocional. Nesse contexto, a paralisia é mais do que a condição de estar confinada à cama; ela também representa um estado de imobilidade emocional e psicológica. Esses problemas se agravaram após a partida do marido, e a autora põe a personagem falando de forma pessoal através do uso da linguagem pessoal e em 1º pessoa. Ou ainda pode estar circunscrita, e aí o escopo psicológico ainda é válido, ao processo conturbado dos períodos de busca de independência política e a repressão violenta da metrópole.

Durante toda a obra, na estrutura narrativa intercalam-se as cartas trocadas entre marido e esposa, cartas essas que possuem informações muito pessoais, trazendo o leitor para o imaginário do casal. Por meio do referido gênero, Glória atualiza o marido sobre seu estado de saúde que desvelam problemas físicos e ultrapassam esses, instaurando os de outra ordem, isto é, seus sentimentos intrínsecos, como na seguinte carta: “Estou bem magrinha agora. Pernas e braços bem finos. Devo caber no meu vestido de noiva. A cabeça está calma” (Almeida, 2019, p. 53). Nessa carta, a menção ao vestido de noiva evoca lembranças de um momento de felicidade compartilhada, buscando resgatar sentimentos de nostalgia e saudade em relação ao esposo. No entanto, ao expressar sua atual magreza e a possibilidade de caber novamente no vestido, Glória sugere implicitamente que sua condição física, outrora saudável mesmo magra, é resultado das adversidades que enfrenta no presente, como a separação familiar e a doença que mais transparece um fundo de traço psíquico melancólico.

Assim, o vestido de noiva, que um dia simbolizou alegria e esperança, torna-se agora um símbolo da dor e da angústia que permeiam a vida de Glória, sinalizando a transformação de transtorno físico para o mental. “A cabeça está calma”, uma afirmação aparentemente que indicaria tranquilidade ou modo de tranquilizar o marido do estado dela, induz muito do isolamento da personagem no quarto em passagens anteriores na narrativa onde até então não se indiciava motivos e de que ordem seria a tal paralisia abordada em sua caracterização. Essa abordagem poética ressalta a complexidade das emoções humanas e a capacidade da autora

de transmitir profundidade e subjetividade através de sua escrita sem tocar explicitamente no ponto nevrálgico da doença de Glória. Elizabeth Cristina Landi, em sua obra, *O feminismo e a solidão*, argumenta como o sentimento do amor é entendido pela figura feminina, logo, como a falta e a distância podem afetar o psicológico feminino.

O amor ocupa um lugar tão importante no psiquismo feminino que, se a prova do amor falha, poderá ficar difícil sustentar-se. Ao descobrir a falha do amor do parceiro, que buscou outra mulher, uma analisante falou do chão que faltou aos seus pés e da sensação de enlouquecimento que a invadia. (Landi, 2017, p. 115).

Em sua entrevista para a revista *Língua-lugar*, Djaimilia Pereira aborda como o uso de recursos como cartas e ligações presentes em suas obras reflete o que é utilizado na vida real para que pessoas distantes consigam, de alguma maneira, permanecer conectadas e juntas. De acordo com ela, "Os objetos, os telefonemas, etc., são apenas modos de acordá-los, de sermos visitados por eles, ou de os manter a uma distância que nos permita viver com eles, entre eles" (2021, p. 6). A partir disso, é perceptível o desejo da personagem Glória de diminuir a distância de alguma forma, durante as ligações ou cartas trocadas. "[...] Glória perguntava-lhe como estava vestido, se estava perfumado, se tinha emagrecido e duvidava com malícia das respostas que ele lhe ia dando..." (Almeida, p. 51).

Apesar da partida de sua família, o estado de Glória se dá, conforme citamos alhures, desde o nascimento do filho, Aquiles, e da notícia do problema do seu calcanhar. A partir desse momento, a vida de todos os membros da família mudou, inclusive dessa mulher. "Glória caiu em virtude de um parto com complicações. Justina ficou encravada no quarto da mãe, porque o irmão nasceu coxo. Aquiles nasceu assim. Cartola era o pai" (Almeida, p. 105).

De acordo com a mitologia grega, Aquiles emerge a figura de um herói que desempenhou um papel crucial na Guerra de Tróia, sendo filho de Tétis e Peleu. A narrativa sugere que sua mãe o submergiu nas águas de um rio conhecido como rio dos infernos ou Estige, buscando torná-lo invulnerável. Entretanto, curiosamente, a única região do corpo que escapou desse banho foi seu calcanhar, tornando-o a única área suscetível à fragilidade humana. Daí origina-se a expressão "Calcanhar de Aquiles", conhecida em todo o mundo. Essa metáfora ganha relevância ao relacioná-la ao filho de Glória e Cartola, cujo nascimento apresentou uma condição no calcanhar, desencadeando, assim, uma narrativa paralela.

Nas hostes gregas, o herói da Guerra de Tróia foi o invencível Aquiles, filho de Tétis e Peleu – cujo nome tantas vezes se repete na expressão “o calcanhar de Aquiles”. Reza a lenda que, na sua infância, a mãe o banhou na água do Estige, o rio dos Infernos, que tinha o poder de tornar invulnerável quem nela mergulhasse. Apenas o calcanhar pelo qual Tétis segurou o filho não foi molhado pela água mágica, permanecendo, pois, vulnerável. Aí o atingiria uma flecha do troiano Páris, infligindo um ferimento que lhe seria fatal. (Guerreiro, 2016, p. 3-4)

Djaimilia Pereira constrói uma personagem que se sente sozinha, mesmo não sendo a pessoa que partiu, a autora fala sobre o processo da pessoa que ficou. Desde o início da obra, é possível sentir que Glória se encontra isolada em seus problemas pessoais, porém esse sentimento de solidão e um fechamento para o mundo externo se intensifica com a partida de parte dos seus familiares. “Ela sentia a sua falta como se tem saudades de um espelho falante, da vida, e ele sentia Portugal como um livramento” (Almeida, 2019. p. 70).

A escritora feminista Elódia Xavier, na sua obra *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*, discute sobre como a mulher é representada na literatura durante as décadas e faz um resgate exemplificando com algumas obras, até o momento que chega na literatura atual. E deixa uma indagação central ao finalizar seu texto:

As marcas da trajetória da narrativa de autoria feminina, na literatura brasileira, revelam sutis diferenças no desfecho das tensões dramáticas vividas pelas personagens femininas, seriam essas diferenças sintomáticas da construção de uma nova identidade “feminina mais livre do peso das relações de gênero? (2019, p. 94-95).

## **2. A SOLIDÃO DA PROTAGONISTA**

A obra contemporânea *O peso do pássaro morto* marca a estreia literária da autora paulista Aline Bei, cuja ascensão começou com a publicação de textos nas redes sociais, culminando na escrita de dois romances. Em uma entrevista, Bei revela que, mesmo ao se aventurar na escrita de romances, busca manter sua voz pessoal, resultando em uma prosa que preserva características marcantes da poesia. Segundo ela, "trouxe algumas coisas que eu achava que eram bacanas na poesia pra minha prosa" (Bei, 2019). Assim, o que surpreende no trabalho da autora é a habilidade de fundir a naturalidade da fala com a expressividade poética, criando uma narrativa que transcende os limites entre esses estilos literários.

Logo no início, o leitor se depara com uma escrita diferente: uma linguagem infantil, sem a presença de parágrafos, sem letras maiúsculas no início das frases ou nos nomes próprios, utilizando letras maiúsculas apenas em

algumas palavras esporádicas, se sustentando em uma escrita tida como prosa, contudo, apresenta características de verso, como o ritmo, a pontuação e a disposição de palavras isoladas. (Pena, D, M. et al., 2023. p. 9)

Dalava e Pires (2022), ao analisarem o segundo romance da autora, *Pequena Coreografia do Adeus*, destacam que, naturalmente, quando uma escritora escolhe uma personagem feminina como protagonista, ocorre uma sensibilidade mais acentuada, especialmente ao abordar temas sensíveis, permitindo uma exploração mais profunda da psique feminina.

O primeiro romance de Aline Bei, *O Peso do Pássaro Morto*, apresenta uma protagonista feminina que enfrenta momentos difíceis, como luto, violência sexual e maternidade, destacando-se pela sensibilidade com que esses desafios são abordados. Em depoimento, Bei revela que o título da obra foi escolhido primeiro e a história escrita depois, sendo inspirado por uma experiência pessoal de sua infância, quando segurou um pássaro em suas mãos e ele morreu. A dedicatória do livro oferece uma prévia do acontecido “ao canário que, assustado em caber na palma, morreu na minha mão” (Bei, 2017). O leitor subentende que a morte permearia a obra, o que de fato se revela com o tema desdobrado em várias fases da vida da personagem principal, ocasionando traumas extremamente significativos para essa mulher.

A autora escolhe não nomear a protagonista, instigando uma reflexão sobre a autopercepção da personagem. Em contraste com os demais personagens que têm seus nomes revelados, a protagonista parece incapaz de se reconhecer a ponto de compartilhar seu próprio nome com o leitor. Essa escolha narrativa oferece uma perspectiva intrigante sobre a identidade da mulher retratada na prosa.

A obra é escrita quase toda em primeira pessoa, iniciada com a personagem ainda menina que, ao longo da narrativa, se torna uma mulher, compreendendo um período etário dos 08 aos 52 anos. A protagonista passa por uma série de eventos traumáticos e que desencadeia no foco dessa pesquisa, a solidão feminina. Construída baseada nas perdas da protagonista ao longo dos anos, perdas materiais e subjetivas, o relato traz os assuntos tratados de maneira complexa, mas importantes para a construção dessa análise, pois foram acontecimentos que transpassaram a vida da personagem central da obra.

Aline Bei nos apresenta primeiramente uma criança de 08 anos que tem uma vida cotidiana considerada normal, junto com os pais e também na escola. Porém, uma tragédia inicial molda a perspectiva de vida daquela criança. Uma amiga e colega de turma próxima

da protagonista, nomeada Carla, morre, e ela recebe a notícia na escola, e desse fato começa um processo de luto, que ela ainda não entende.

Quando se fala de morte, logo as pessoas são tomadas por um sentimento de perda, principalmente quando deparam-se com a perda de alguém muito querido e amado. Os adultos, mesmo compreendendo a morte como algo natural do ciclo da vida, possuindo um mundo cheio de tarefas e vínculos, sofrem diante da perda de uma pessoa querida. Então, pode-se imaginar as dificuldades da criança, que ainda não consegue compreender totalmente o conceito de morte e tem seu mundo limitado aos pais e, quando muito, à escola. (Baseggio; Mello, 2013, p. 26).

A criança passa a esperar pela amiga, depois a tentar entender o que é “morrer” e depois conviver com o luto. Posteriormente outra pessoa importante para a protagonista dessa história também vem a falecer, seu Luís, um senhor que era seu vizinho e também curandeiro. A partir desses acontecimentos, aquela criança precisou lidar com a dor, a saudades e a solidão. “Pra ficar com menos saudades de Carla eu escrevia cartas pra ela por horas, querendo fazer caber tudo o que eu sentia sobre ela ter me deixado tão sem aviso” (Bei, 2017, p. 35). Esta frase atribuída à protagonista demonstra o quanto os acontecimentos da infância podem moldar o futuro de uma mulher e os sentimentos que podem ser aflorados futuramente, ocasionando o sentimento fruto desse estudo, a solidão.

Segundo Omar Moreira (2020), episódios traumáticos na infância emergem como um dos precursores primordiais da depressão na fase adulta, gerando cicatrizes que permeiam toda a existência do indivíduo e impactam intrinsecamente sua saúde psicológica. Nesse contexto narrativo crucial, a protagonista se confronta com uma experiência traumática adicional, a qual, somada às já existentes, configura-se como um determinante negativo em sua trajetória. Isto é, aos 17 anos, a garota sofre uma situação que muda por completo o rumo da sua vida: é violentada sexualmente por uma pessoa muito próxima, que ocasionou, além do trauma, o medo e a tristeza, bem como uma gravidez que não foi planejada, nem desejada. Aquela garota teria um filho fruto de uma violência, e quando a criança nasce, ela não consegue encontrar a conexão que foi falada que teria com aquela criança, revelando a desmistificação do papel materno, da naturalização do amor materno universal e os constrangimentos impostos à mulher que sofre outras violências do âmbito de valores morais de uma sociedade que exige ter a convivência com o fruto de um ato abjeto.

Quando um bebê nasce uma flor brota no peito e sai pelo leite da mãe. É assim que os bebês crescem se alimentando dessa flor invisível algumas pessoas chamam ela de amor. Procurei a tal no meu peito descampado por nove meses e depois no hospital – isso é tristeza pós-parto, seu corpo fez

muita força. mas deus é grande, essa dor passa rápido e agora você precisa ficar forte pra cuidar do seu bebê. – a enfermeira disse. Em casa, com o menino no berço e os anos passando, procurei em cada canto (nenhum sinal da Flor). (Bei, 2017, p. 62).

Dessa forma, a vida da protagonista dessa história é atravessada por esses acontecimentos e é perceptível ver como uma mulher que passou por diversas perdas e precisou lidar com diversas violências, seja afetada de forma direta na vida adulta. “Os traumas sofridos por essas crianças e adolescentes costumam perdurar por toda a vida e, infelizmente, em alguns casos, vão levá-los a cometer os mesmos maus-tratos quando adultos...” (Damasco, Ferreira, Moreira, 2023, p. 8).

Dessa forma, foi obrigada a crescer e sustentar um filho que ela não escolheu ter; não conseguiu seguir uma carreira acadêmica e precisou trabalhar muito cedo, além de se afastar da sua família e amigos, pela diferença de vida, e os julgamentos que chegaram até ela. Esse é um movimento que foge das obras literárias e revelador ainda de debates atuais no que concerne a vida real com as mulheres - “Entre essas jovens a gestação nesse momento de vida representava, além de um comprometimento dos planos futuros, uma sobrecarga financeira e uma experiência não normativa no desenvolvimento humano...” (Dias; Teixeira, 2010, p. 6) - que engravidam na adolescência, das gestações frutos de violência e as recorrentes tentativas de controles dos corpos femininos advindos da própria família, da sociedade, da religião e das leis. Logo, é perceptível que a autora relata em sua obra, a realidade de diversas mulheres que passam por esse tipo de mudança dolorosa e involuntária.

Ao longo da narrativa, é tecido o desconforto da protagonista ao abordar a gravidez, desde o momento da descoberta até a fase adulta do rapaz. Esse incômodo está intrinsecamente ligado ao trauma que ela vivenciou devido à violência sofrida. Fica perceptível que esse tema ainda ressoa em seu íntimo, e Lucas, seu filho, representa um lembrete constante dessa dolorosa experiência, mesmo que de forma inconsciente e não culposa.

Nessa altura da obra, aquela mulher não possui tempo para conviver com seu filho, por causa do trabalho e posteriormente porque o menino segue sua vida e vai para a universidade, mas ela não sofre com a partida, ela se sente aliviada. “(em algum lugar esquisito estávamos aliviados por não precisarmos mais nos ver todos os dias)” (Bei, p. 96). Ela nunca conseguiu contar ao seu filho o que aconteceu, e de que modo violento ele foi gerado, a mesma tentou, mas nunca conseguiu entregar uma carta que explicava o ocorrido. Acaba por arremessar essa carta em uma casa abandonada que tem uma representatividade muito grande no desenrolar da história. De fato, a protagonista nunca conseguiu conversar

sobre todos os acontecimentos que moldaram sua existência, ocasionando uma carga emocional ainda maior. A solidão dela, embora não seja explicitamente mencionada com essas palavras na obra, transparece no pulsar de seus pensamentos e rotina. Não se observa, por exemplo, o desenvolvimento de relações, seja de amizade, romance, aspectos profissionais ou familiares para a personagem.

Após Lucas partir, a mulher passa mais tempo sozinha, na verdade o estado de solidão sempre estava presente, inclusive na época quando o filho ainda compartilhava a casa. Ela nunca conseguiu ir visitar o garoto, e passou a viver sua vida sozinha, convivendo com lembranças dos traumas que a cercam. Como é possível perceber no trecho a seguir:

...penso que nunca vou esquecer a morte daqueles pássaros ou a noite do Pedro em casa corto um tomate pra fazer o almoço e penso que o tomate sou eu a faca é o Pedro, já cortei meu dedo assim uma porção de vezes, com outras frutas também, mas o tomate por ser vermelho... (Bei, p. 102).

A mulher encontra refúgio ao adotar um cachorro, que fica com ela até sua velhice, e ela se conecta muito com o animal, porém, após a morte dele, não consegue mais ver sentido na vida, encontra-se sozinha, perdida e sem a única coisa que conseguiu lhe tirar do estado de solidão e implicitamente não quer voltar à velha situação antes de ter a companhia do cachorro morto. Mais um fato fúnebre, mais uma perda, mais um evento traumático e derradeiro.

A autora, de forma estilisticamente poética, constrói o episódio de suicídio da protagonista, através de versos suaves e ao mesmo tempo fortes sobre a falta de sentido na vida de uma mulher, que sofre perdas desde a infância, e ao final, não encontra significado em dar continuidade a sua vida. Ela se isola em uma casa abandonada, a mesma onde joga a carta que guarda o segredo mais doloroso da sua vida, e ali parece, sozinha, engasgada no próprio vômito, desistindo de viver.

Vomitou dormindo e não acordou. sonhava de novo com a chegada pra ver o Vento morto só que dessa vez ele não estava morto o portão não estava aberto, no sonho o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão feliz que ela não acordou, não pôde, nem o gorfó conseguiu e então nunca mais. (Bei, p. 169).

Em uma análise sobre a obra em questão, Esteves e Coqueiro citam que o final da personagem é realizado de forma ambígua. “Ela apenas desiste da vida, desiste de si. Esse final pode ser tido como ambíguo pelo fato de que muitos consideram que não há uma ação ou uma escolha bem marcada que direcione ao autoaniquilamento da personagem” (Esteves; Coqueiro, 2020, p. 114). Porém, durante toda a obra é mostrada a morte da personagem aos

poucos, a partir de suas perdas, como é citado pela própria no seguinte trecho: “Ser avó me deixava com uma sensação ainda maior, ainda pior de que a morte estava cada vez mais perto, pra todo mundo...” (Bei, p. 122-123). O cachorro, Vento, representa uma pausa na série de acontecimentos. Quando ele morre, a mulher retoma o processo de suicídio, pois Vento era o elo que a ligava à vida e que varreu, tal como seu nome representa, para o esquecimento as marcas do passado durante a convivência. Com a morte do cão, ela não vê mais sentido em continuar existindo. O Vento pára, a vida estanca.

O cenário de solidão é meticulosamente construído, pois a protagonista não o experimenta por falta de companhia, mas sim pela incapacidade de estabelecer conexões significativas com aqueles ao seu redor, pois as relações de confiança se desfazem a partir de eventos traumáticos, principalmente quando se envolve pessoas próximas. Essa solidão é agravada pela escassez de tempo em sua vida adulta, uma vez que se vê sobrecarregada pelo trabalho para sustentar o filho e manter-se. Além disso, convive com os traumas iminentes que afetaram seu psicológico e nunca foram devidamente cuidados e tratados. Essa abordagem sutil revela as múltiplas dimensões da solidão, indo além da ausência física de outros, explorando a desconexão emocional e as dificuldades enfrentadas em meio às responsabilidades cotidianas.

### **3. DA SOLIDÃO À PARTILHA**

A autoria literária feminina representa uma forma de resistência e revolução contra um sistema preconceituoso e misógino que perdurou por muitos anos. Nesse sentido, à medida que as mulheres conquistam espaço nesse campo, suas obras passam a abordar não apenas suas vivências pessoais, mas também as experiências daqueles que as cercam.

Ao realizar a comparação entre as duas obras contemporâneas apresentadas, destacam-se as semelhanças relacionadas à solidão das protagonistas estudadas: Glória, em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, romance de Djaimilia Pereira, e a personagem principal não nomeada, na obra *O Peso do Pássaro Morto* de Aline Bei. Vale ressaltar as nuances pessoais de cada autora e as diferenças presentes em suas vivências. Apesar de compartilharem um passado colonizador, Pereira e Bei apresentam experiências pessoais distintas, refletidas em suas obras, o que é relevante para esta pesquisa, que considera a influência das vivências pessoais na autoria. Conforme observado pelo sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2006), a expressão literária surge como resposta a demandas específicas para representar o mundo. No caso das autoras, suas perspectivas como mulheres são moldadas pelas violências que enfrentaram, cada uma em seu contexto único. Dessa forma, a construção das

personagens femininas nas obras de Almeida e Bei pode ser vista também como a manifestação das demandas e experiências dessas autoras, embora saibamos que o conteúdo ficcional segue seu fluxo estético e criativo de demandas de transfiguração do real.

Tendo em vista aqueles fatores, percebe-se que Aline Bei e Djaimilia Pereira constroem duas personagens que passaram por danos irreparáveis em suas vidas. Glória sofre com a culpa de conviver com uma doença que a limita em diversos quesitos, situação similar a do filho, Pessoa com deficiência (PCD)<sup>6</sup>, e com o distanciamento familiar ocorrido em decorrência ao tratamento do mesmo. É importante salientar que toda a família enfrenta as consequências do afastamento de maneiras distintas. Em Luanda, três mulheres unidas - Glória, sua filha e neta - lidam com outra ordem de separação, enquanto em Lisboa Aquiles não permite uma aproximação com seu pai, e Cartola sofre com a ausência do filho, como na seguinte carta que o marido de Glória encaminha a ela: “Hoje, estou consumido dessa vida por causa do Aquiles. Passa o dia sem falar, nem tem paciência para os livros de quadrinhos que lhe comprei.” (Almeida, p. 132). Eles estão distantes do restante da família e enfrentam diversos desafios de adaptação. O título da obra, que refere-se ao bairro que Aquiles e Cartola moram em um determinado momento da obra, é desconstruído ao longo da narrativa, revelando a dura realidade de uma cidade que se mostra cruel para pai e filho. “A agonia da perna direita torna-se uma agonia interior, a sensação de que finge ser quem não é, de que não nasceu para aquilo e não sabe quem é”. (Almeida, 2018, p. 140).

Em cotejo, a protagonista da narrativa de Bei sofre com a série de perdas que atravessaram sua vida, perda de pessoas importantes, perda da inocência e perdas de oportunidades ao longo do tempo. Em decorrência a esses traumas, a mesma passa por um processo de solidão e também por um afastamento familiar perceptível, como exemplificado no seguinte trecho: “Minha mãe me liga de tarde dizendo sempre a mesma coisa: - filha, tá tudo bem? Tá precisando de algo? Nos avise e venha visitar a gente amanhã, estamos com saudades do Lucas.” (Bei, p. 86). A mãe, que a persuadiu a ter o filho diz sentir saudades exatamente do fruto de uma violência sexual a sua própria filha.

Tendo em vista o conceito de Foucault sobre a escrita de si, entende-se que o autor é capaz de se retratar a partir da sua escrita e seus textos, além de dar um contexto para o leitor sobre o mesmo. Há diferença narrativa entre as duas obras analisadas, tendo em vista que Pereira é mulher negra, oriunda de um país localizado em um continente africano, e que

---

<sup>6</sup> A deficiência física é caracterizada por limitações nos movimentos ou alterações parciais ou completas de segmentos do corpo. Alguns exemplos são paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia. A deficiência física pode ser causada por diversos fatores, como acidentes, doenças, lesões medulares, entre outros.

passou por diversos percalços na vida, tendo em vista questões de gêneros, raciais e locais, imprimindo a autorreferenciação de escrita de autoria negra e de entendimento dos contextos históricos, sociais e políticos engendrados nos sentidos da tal herança e traumas coloniais. Aline Bei, no entanto, é uma mulher branca, que nasceu em uma grande metrópole, São Paulo, e reside até os dias atuais. Ao comparar o percurso de vida dessas duas mulheres, percebe-se diferenças, mas observa-se algo em comum: as duas são advindas de países que passaram por um processo colonizador doloroso e violento, e até os dias atuais sofrem com as consequências dessa colonização, e como mulheres, entendem o cerne patriarcal que diariamente se faz revelar, direta e indiretamente na raiz da misoginia e das tentativas de controles dos corpos, nos receituários morais e no cotidiano de violências.

Portanto, a similaridade nos sentimentos expressos pelas personagens femininas elaboradas por elas fogem do essencialismo do ser feminino e adentra discussões reveladoras dos temas espinhosos dos diversos contextos sociais, seja na Europa, na África ou na América. Tanto Glória, quanto a protagonista no romance de Bei enfrentam episódios que resultam em um estado complexo de solidão, incluindo distanciamento familiar, dificuldades na maternidade, complicações na gravidez e isolamento emocional, culminando no completo estado de solidão experimentado por ambas as personagens. Essa convergência de experiências ressalta a capacidade da literatura em transcender as diferenças individuais e explorar emoções universais, oferecendo aos leitores a oportunidade de se identificarem com narrativas diversas e, assim, estabelecerem conexões profundas com as personagens femininas de ambas as histórias.

A construção das personagens femininas por Aline Bei e Djaimilia Pereira reflete a complexidade da experiência feminina na sociedade contemporânea. Diante das adversidades e violências cotidianas, ou seja, essas mulheres são compelidas a assumir papéis de fortaleza e suporte para aqueles que delas dependem. Em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, Glória é apresentada como uma mulher que, mesmo confrontada com uma doença grave, continua a desempenhar seus papéis de esposa e mãe à distância, mantendo-se firme na esperança de um reencontro familiar. “Não demora, papá, estaremos juntos de novo. Felizes para sempre como naquele filme do cinema Miramar. Diz para o Aquiles que o quero muito” (Almeida, p. 88).

Da mesma forma, a protagonista sem nome de *O Peso do Pássaro Morto* é retratada como uma figura materna que persiste em suas responsabilidades mesmo diante de traumas e adversidades. “...assistindo um filme, especialmente não assistindo nada, apenas deitado no meu colo pra eu fazer cafuné naquele cabelo...” (Bei, p.78). Essas mulheres não apenas enfrentam suas dificuldades, mas também carregam o peso da solidão, resultado das pressões

sociais, violências várias, abandonos e das expectativas impostas sobre elas diariamente. Essas características irmanam as dores e há um processo de trocas, de partilha pela escrita, seja por carta, seja por diário ou pelo registro literário. São mulheres descrevendo o universo particularizado de outras que são elas mesmas; espelho contra espelho onde se reflete as suas resistências, seja morrendo ou em vida, mesmo que ancorada em solidões impostas transformadas em solidões como protesto às sociedades repressoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerne desta investigação residiu na análise comparativa das construções das personagens femininas nas obras de Aline Bei e Djaimilia Pereira. Embora apresentem peculiaridades individuais, origens distintas e vivências singulares, aquelas personagens compartilham a intensa experiência de ser mulher na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, ambas as autoras emergem como vozes representativas de uma tendência literária atual, na qual as mulheres procuram representar figuras femininas que representam cotidianos de muitas, que enfrentam diversos desafios como a maternidade, abusos, traumas, relação familiar: dia a dia com coragem, porém, muitas vezes, encontram-se isoladas em suas dores pessoais. É perceptível o desejo das autoras de dar voz e visibilidade às mulheres reais de hoje, cujas vidas são marcadas por uma série de desafios e violências que podem resultar em traumas profundos e isolamento emocional. Importante salientar que essa representação não as retrata como frágeis, mas evidencia as consequências devastadoras do sofrimento prolongado, como ilustrado pelo suicídio da protagonista e pelo isolamento de Glória.

Assim, Bei e Pereira não apenas ampliam a diversidade de vozes femininas na literatura contemporânea, mas também oferecem uma reflexão sensível e provocativa sobre as complexidades da experiência feminina na sociedade atual e as nuances dos embates presentes em suas práticas do contexto sócio-político, atualizando debates e ocupando espaços, com seus corpos e escritas literárias.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celena Cardoso. Solidão na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XII, núm. 1. Goiânia. 2006. Acesso em: 10 jun. 2023.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira. **Luanda, Lisboa, Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BORGES, Níncia Cecília Ribas. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário**. Paraná: Revista Unicentro, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/viewFile/1125/1082>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4. ed. reorg. São Paulo: Duas Cidades, 1995a. p. 169-192. Acesso em: 12 de out. 2024.

COLASANTI, Marina. **Porque nos perguntamos se existimos**. Convergência Lusíada, 2004. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/1012>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

DAMASCO, Márcio Rocha. FERREIRA, Francielle Henrique. MOREIRA, Camila. **Traumas infantis e seus impactos na vida adulta**. VII Jornada de iniciação Científica, 2023. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/3678>. Acesso em: 18 de jan. 2024.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/nFLk3nXXXsjWvSBndk6W5Ff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **A cura não existe: Depressão, melancolia e suicídio no romance *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei**. Paraná: Revista unitins, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

GUERREIRO, Cristina Abranches. **O calcanhar de Aquiles e outras histórias da mitologia clássica**. Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Repositório da Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/33592> . Acesso em: 30 de jan. 2024.

LANDI, Elizabeth Cristina. **O feminismo e a solidão**. Brasília: Repositórios latinoamericanos, 2017. Disponível em: [http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/31020/1/2017\\_ElizabethCristinaLandi.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/31020/1/2017_ElizabethCristinaLandi.pdf). Acesso em: 15 de jan. 2024.

MELLO, Amanda Reginato de; BASEGGIO, Denice Bortolin. **Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida**. Revista de Psicologia da IMED, 2013. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/addb/324c3d6d2f239418b8ef3b12569529e65401.pdf>.

Acesso em: 20 de jan. 2024.

MORICONI, ÍTALO. **Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa)**. Rio de Janeiro: Gragoatá, v. 11, n. 20, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33244/19231>. Acesso em: 20 de jan. 2024.

NAMBUA, Manuel. **A invasão portuguesa em Angola e a implantação do modelo educacional: minha vista do ponto**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 11, p. 2564–2581, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i11.12423. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12423>. Acesso em: 6 de jan. 2024.

PAYNO, Mariana. **Semana 2: elas dão a letras**. Revista UOL, 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/mulher-o-que-falta/a-mulher-e-a-literatura-feminista/> Acesso em: 20 de fev. 2024.

PEREIRA, Djaimilia de Almeida. **Entrevista com Djaimilia Pereira de Almeida**. Língua-lugar: Literatura, História, Estudos Culturais, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 174–183, 2021. Disponível em: <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/427>. Acesso em: 26 de mar. 2024.

**Djaimilia Pereira de Almeida: “Sou atraída pela maneira como a doença condiciona o destino e a acção humana”**. Comunidade, cultura e arte, 2018. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/entrevista-djaimilia-pereira-de-almeida-sou-atraida-pela-maneira-como-a-doenca-condiciona-o-destino-e-a-accao-humana/> Acesso em: 01 de jan. 2024.

PENA, D, M. et al. **Análise estilística da obra “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei**. Cadernos da Fucamp, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/55859/Downloads/3131-Texto%20do%20Artigo-11766-1-10-20230905%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/55859/Downloads/3131-Texto%20do%20Artigo-11766-1-10-20230905%20(4).pdf). Acesso em: 20 de nov. 2023.

PIRES, Antônio Donizeti; DALAVA, Lucas Almeida. **Pequena Coreografia da mulher selvagem: O amadurecimento feminino na pequena coreografia do adeus, de Aline Bei**. ITINERÁRIOS – Revista de Literatura, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/16487/15700>. Acesso em: 16 de jan. 2024.

SANTOS, Sara Boni de Vasconcelos. **Melancolia na contemporaneidade**. Brasília: Repositório Uniceub, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2887/2/20162130.pdf>. Acesso em: 30 de Jan. 2024.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012. Disponível em: <https://ri.ufrb.edu.br/handle/123456789/771>. Acesso em: 14 nov. 2024.

VALA, Jorge; BRITO, Rodrigo; DINIZ, Lopes. **Expressões dos racismos em Portugal, 2.<sup>a</sup> ed. Online**. (Estudos e investigações; 11) Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/22539>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Video Entrevista de Aline Bei para o canal Litera Tamy. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bohKftiJYQw>. Acesso em 15 out. 2023.

BORGES, Níncia Cecília Ribas. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário**. Paraná: Revista Unicentro, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/viewFile/1125/1082>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Leitura*, [S. l.], v. 2, n. 18, p. 87–95, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.199618.87-95. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825>. Acesso em: 7 de nov. 2023.